2017

BOLETIM DE PETRÓLEO

Bruno Luís Lacerda
Naiara Carvalho
Gerência de Operações e Planejamento
Fevereiro - 2017

I – Cenário Internacional

O início do mandato de Donald Trump como presidente dos EUA, gerou tensões e euforia no cenário mundial. Em seu discurso de posse, Trump deixou claro o protecionismo declarando que colocará os interesses de seu país como prioridade onde todas as decisões acerca do comércio, impostos e imigração, serão feitas para beneficiar os trabalhadores norte-americanos.

Ao assinar o polêmico decreto a respeito da interrupção do fluxo migratório para os EUA, o presidente norte-americano gerou receio no mercado. Por decisão judicial a aplicação desta ordem foi suspensa, porém Trump afirmou que irá assinar uma nova resolução executiva sobre imigração, com "melhorias" de alguns aspetos, para evitar os impedimentos jurídicos. Além disso, promessas em relação a uma forte reforma tributária no país ainda neste ano, a revisão da regulação do setor financeiro com o objetivo de amainar suas regras e de apontamentos a favor das companhias aéreas deram fôlego ao cenário internacional.

Quanto aos dados macroeconômicos dos EUA os números são comumente associados a uma economia firme. Segundo o Departamento de Trabalho dos EUA a quantidade de pessoas que solicitaram seguro desemprego caiu em 12 mil pedidos referentes à primeira semana de fevereiro, quando analistas esperavam crescimento de 4 mil solicitações. Tal fato prova a força do mercado de trabalho norte-americano e reforça o otimismo no país. O mesmo pode ser dito em relação ao PMI industrial norte-americano que obteve em dezembro um avanço mais do que esperado em relação ao mês anterior, registrando ganhos de 56 pontos.

Na Europa, o ambiente político vem vivenciando grandes incertezas desde a aprovação do referendo do plano Brexit (saída do Reino Unido da União Europeia), em junho de 2016. No momento a apreensão ficou na forma pela qual tal saída seria feita. A primeira ministra britânica, Theresa May, revelou que o desligamento do bloco ocorrerá de forma total, o que garantirá ao Reino Unido a recuperação plena do controle sobre suas fronteiras e que o mesmo buscará um novo e ambicioso acordo de livre comércio com o bloco. Entre as prioridades, May destacou a garantia dos direitos dos procedentes de outros países da UE que vivem no Reino Unido, bem como os dos britânicos residentes em outros países do bloco, visto que uma das principais consequências desta saída está relacionada à incerteza da permanência de imigrantes e trabalhadores expatriados.

No que tange ao cenário econômico pode-se destacar a divulgação de dados favoráveis em relação à zona do euro. Segundo a Eurostat, o PIB do quarto trimestre de 2016 cresceu 0,5% ante ao trimestre anterior e registrou expansão anual de 1,8%. Tais números foram acima do que os analistas previam. A taxa de desemprego referente ao mês de dezembro caiu para 9,6%, menor

patamar visto desde maio de 2009. Além disso, a projeção do PIB para este ano na União Europeia subiu de 1,6% para 1,8%, o que aumentou a propensão ao risco de investidores na região.

Direcionando os olhos para a Ásia, pode-se ressaltar que a segunda maior economia mundial, a China, apontou um leve decréscimo em janeiro quanto ao seu Índice Geral de Compras (PMI), registrando 51 pontos no mês observado, ante 51,9 em dezembro. Apesar desta queda os dados indicam uma melhora adicional do setor no início de 2017, porém a um ritmo mais lento. Assim, pode-se dizer que a atividade industrial chinesa segue robusta, haja vista que pelo sexto mês consecutivo o resultado de seu PMI esta acima de 50 pontos, o que significa expansão da atividade industrial.

No Brasil, o cenário inflacionário para o ano de 2017 segue com tom otimista. No primeiro mês de 2017, a inflação oficial (IPCA) ficou em 0,38%, sendo a menor variação do mês desde 1979. No mesmo período de 2016, a taxa registrada foi de 1,27%. No último relatório Focus, divulgado pelo Banco Central a projeção do IPCA para o encerramento de 2017 declinou de 4,8% para 4,4%. Diante do pregresso de combate à inflação, analistas de mercado acreditam que haverá amplo espaço para cortes, o que levará a taxa Selic a se aproximar dos 9,5% ao final de 2017.

O mesmo otimismo não pode ser visto em relação ao Produto Interno Bruto (PIB). O último Índice de Atividade Econômica (IBC-Br) divulgado pelo Banco Central aponta que a economia brasileira encolheu 4,34% em 2016 comparado a 2015, e segundo o Boletim Focus a projeção do PIB para o final de 2017, estima uma contração de 0,4% do indicador.

Concluindo, o discurso protecionista norte-americano mostrou-se contrário ao livre comércio, podendo assim estabelecer maior restrição do mercado em relação às exportações. Este fato tende a impactar a balança comercial brasileira, visto que os EUA é o segundo maior parceiro comercial do Brasil para o qual são exportados produtos manufaturados, com maior valor agregado.

No entanto, apesar de o cenário político internacional ser preocupante, nossa política interna, eivadas de incertezas, atinge mais a economia. É notório o processo de desaceleração inflacionária, apresentado pelos últimos resultados do IPCA, entretanto tal evolução esta sendo impulsionada, principalmente, pela fraqueza da atividade doméstica vista nos recentes dados acerca do PIB brasileiro. Assim, a perspectiva é que a recuperação da atividade econômica se dará ainda de forma morna, posto que não há previsão de crescimento econômico para o ano 2017.

II - Preços

Os preços do petróleo registraram no mês de janeiro de 2017 um valor mínimo de US$ 53,64, máximo de US$ 57,10 e média de US$ 55,45 representando um acréscimo de 0,97% em relação ao mês de Dezembro. A expectativa da Agência Internacional de Energia (EIA) é que o preço do barril de petróleo feche em US$ 55 para 2017 e US$ 57 para 2018.

O Departamento de Energia dos EUA (DoE) informou que os estoques norte-americanos de petróleo bruto tiveram alta de 9,5 milhões de barris na semana encerrada em 15 de fevereiro. Tal alta foi acima do previsto por analistas, que previam um acréscimo de 3,5 milhões de barris. No mês de janeiro a tendência também foi de alta, pois o nível de estoque subiu 2,2 milhões de barris ao dia.

Há expectativa de aumento do preço devido ao anúncio de corte de produção da OPEP, aderido também por países não pertencentes a este grupo, tal como a Rússia. A melhoria do cenário econômico mundial indica que a demanda deve voltar a crescer, levando as variáveis macroeconômicas a um ponto de equilíbrio.

O gráfico 1, mostra a queda acentuada no preço do barril de petróleo, a partir do segundo semestre de 2014. No mês de fevereiro, atingiu a média mínima mensal de US$ 31,93, e apesar das fortes oscilações a partir de então, demonstra uma tendência de melhora.

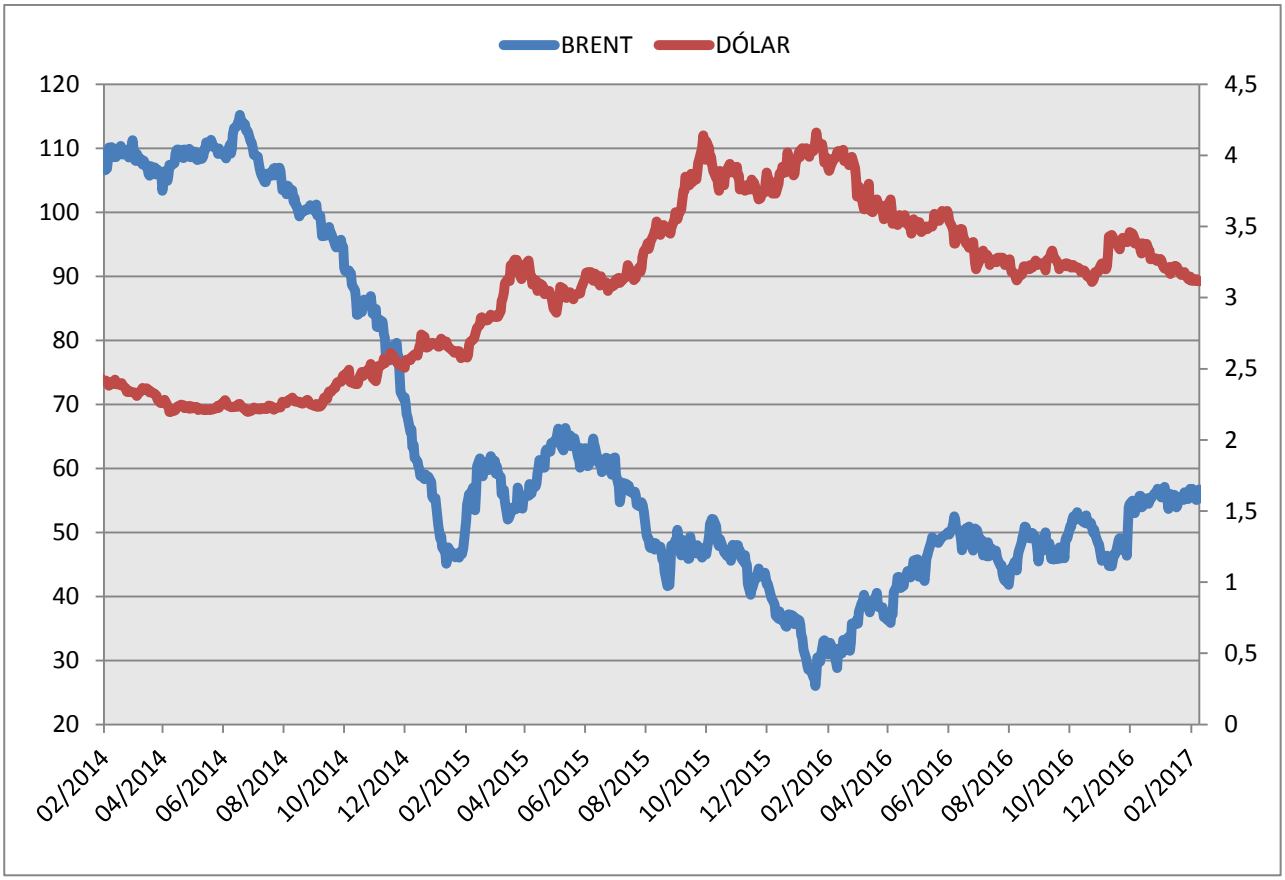
Gráfico 1: Preço do Brent

Fonte: ICE/ GOP

O gráfico 2, mostra o cálculo da correlação entre as variáveis, preço do petróleo e taxa do câmbio, mostrando uma negatividade de 0,90 entre fevereiro de 2014 e fevereiro de 2017, podendo ser considerada uma correlação muito forte. Segundo o Boletim Focus, de 10 de fevereiro de 2017, a expectativa para este ano é que o câmbio encerre cotado em R$ 3,40. Em relação há quatro semanas à expectativa manteve-se inalterada.

A tendência de desvalorização do dólar após a posse do novo presidente norte-americano, Donald Trump, pode beneficiar a recuperação do preço de petróleo. Este movimento deu-se, principalmente, depois da critica feita pelo novo presidente em relação à "força" da moeda norte-americana. Este fato desestabilizou o mercado de câmbio, fazendo com que o dólar sofresse perdas constantes. Além disso, os recentes dados positivos divulgados da balança comercial da China impulsionaram as moedas emergentes frente ao dólar.

Gráfico 2: Brent X Dólar



Fonte: GOP/ICE/Bacen

III - Demanda

Segundo dados da OPEP, a demanda global para 2017 deve crescer 1,19 milhão de barris por dia (mb/d) em relação a 2016.

A estimativa da EIA, esta em conformidade com a da OPEP: haverá um crescimento de demanda por petróleo em 2017. Entretanto, a EIA é mais pessimista quanto aos dados, estimando um crescimento de 0,1 milhão de barris por dia. Apesar da desaceleração econômica, a China é apontada pela agência como uma das principais responsáveis pelo aumento da demanda, bem como a Índia e os principais países do Oriente Médio.

Assim, ambas as agências esperam aumento de demanda para este ano, o que pode dar mais equilíbrio ao mercado, reduzindo o excesso de oferta global e recuperando assim seu preço.

IV – Oferta

A EIA projeta para 2017 um incremento na produção de petróleo de 0,81 milhão de barris por dia (mb/d), totalizando uma oferta global de 98 mb/d. Segundo a agência, a produção de países pertencentes a OPEP será menor do que a do ano anterior em vista do acordo de corte da produção. Contudo, o avanço da oferta global esta diretamente ligada ao aumento de produção por países não pertencentes a OPEP, sobretudo os EUA, que encontra na apreciação do preço do petróleo, motivação para ampliar sua produção.

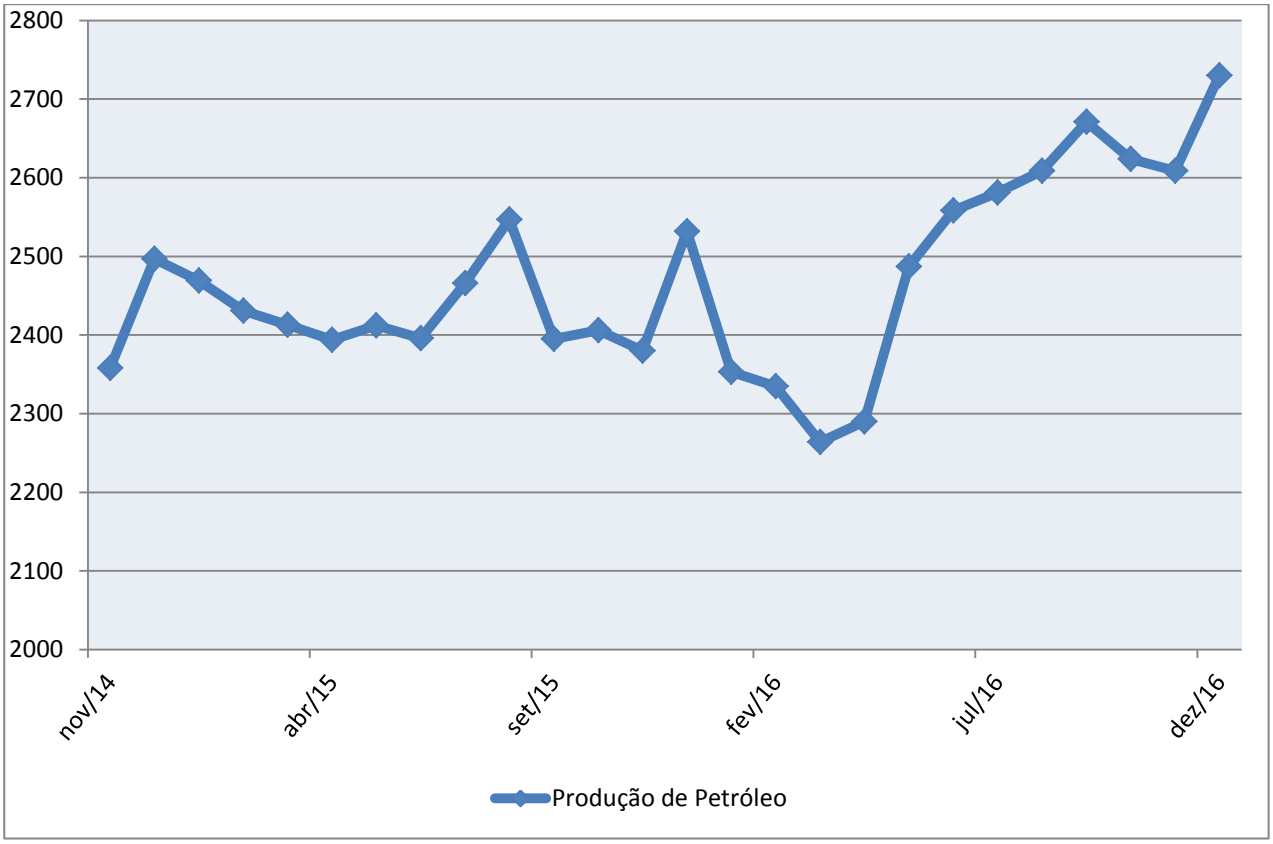
Para a OPEP, os países não integrantes de seu bloco terão um aumento de produção de 0,24 milhão de barris ao fim deste ano, demonstrando aumento na produção em relação ao último relatório, em que era previsto uma elevação de 0,1 milhão de barris. Esta revisão para cima deve-se a uma brusca alta de produção por parte dos EUA. Em relação aos países integrantes a OPEP, ainda não foram divulgadas as projeções para 2017.

Assim, ambas as agências preveem que haverá crescimento para 2017, tanto por parte da demanda quanto da oferta. Porém, o aumento da demanda superará o crescimento da oferta, tendendo a valorização dos preços do barril de petróleo. Vale ressaltar ainda, que a crescente produção da *commodity* por parte dos EUA pode vir a interferir nos preços, posto que irá influenciar o aumento da oferta global.

V – Brasil

Segundo a Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a produção de petróleo no mês de dezembro foi de 2.730 Mbbl/d (mil barris por dia), configurando aumento de 4,7% em relação ao mês de novembro. Este número se caracteriza em um novo recorde, superando os 2.671 Mbbl/d produzidos em setembro de 2016, conforme demonstrado no gráfico 3.

Gráfico 3: Histórico de produção de petróleo

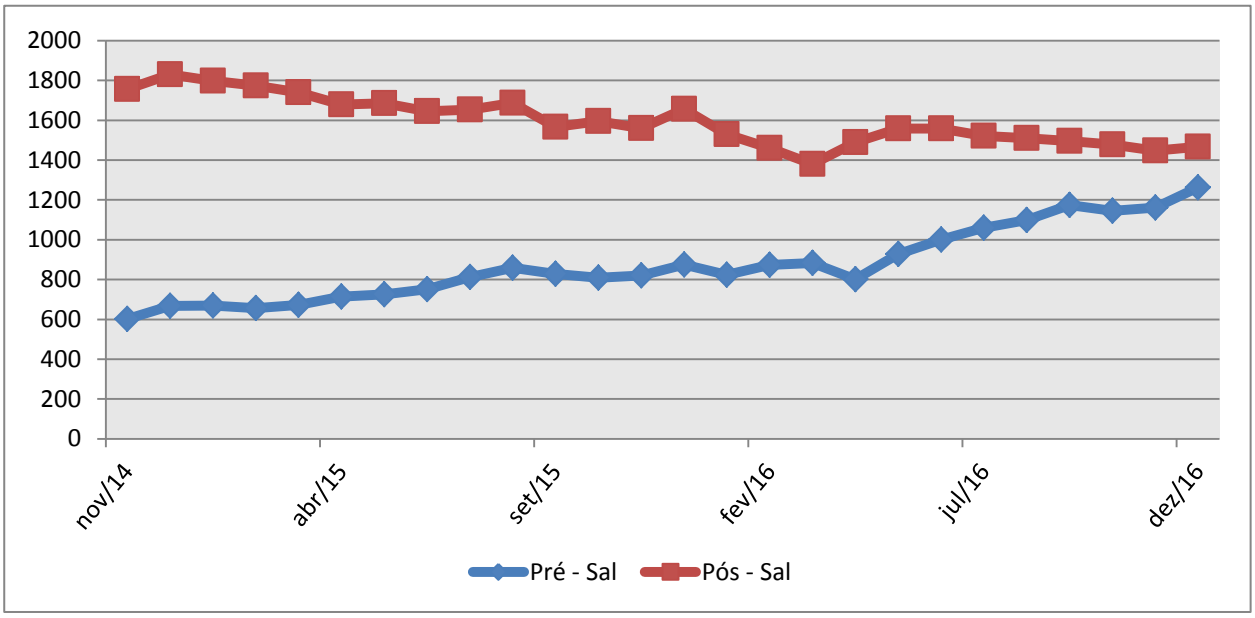


Fonte: ANP/GOP

O campo de Lula, na Bacia de Santos, foi o que mais produziu petróleo no mês em análise: média de 710,9 mil barris por dia, representando 26% do resultado nacional. Verificou-se novamente o maior valor de produção já registrado em um campo no Brasil, superando a produção realizada pelo próprio campo de Lula em novembro de 2016, que foi de 663,2 Mbbl/d. Dessa forma, pode-se observar que a elevação da produção nacional total deu-se, principalmente, pelo aumento de produção deste campo.

No pré-sal foi registrado uma produção de petróleo de 1.262,4 mil barris, de um total de 68 poços, representando 8,6% de aumento produtivo em relação ao mês anterior, conforme pode ser verificado no gráfico 4.

Gráfico 4: Evolução da produção do Pré-Sal e Pós-Sal



Fonte: GOP

No mês em análise, observa-se que a produção pré-sal, foi a principal responsável pelo aumento da produção nacional. Por outro lado, a produção do pós-sal apresenta certa estabilidade.

Segundo a ANP, a produção do Rio de Janeiro é responsável por 68% da produção nacional. O campo de Lula foi o grande destaque: aumentou sua produção em quase 7,2% em relação ao mês anterior.

Conforme demonstrado no gráfico 5, o estado de São Paulo foi o que apresentou a maior alta de produção de petróleo com 17,6%, após registrar grande decréscimo no mês anterior. A principal razão para tal motivo está atrelada à elevação de produção do campo de Sapinhoá, que apresentou aumento de 41,3 Mbbl/d.

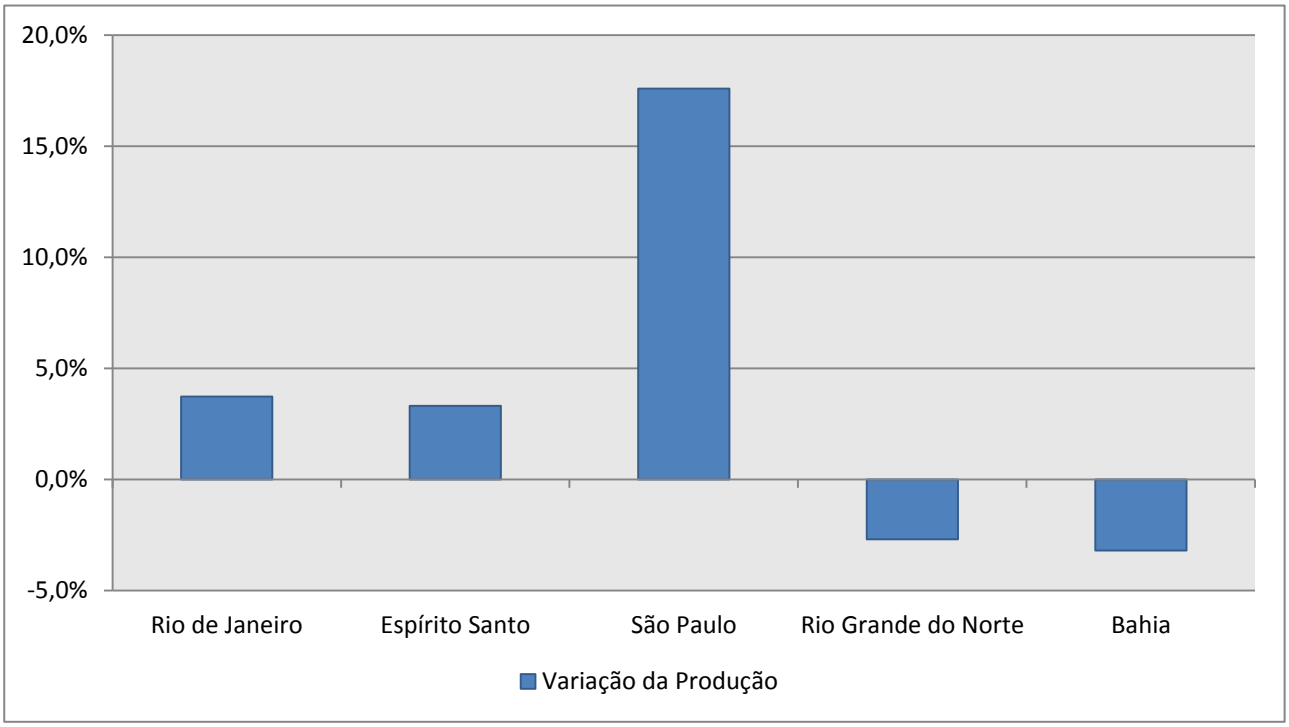
Na tabela 1 é facilmente perceptível a importância do petróleo para o Estado do Rio de Janeiro, visto que a produção dos outros quatro maiores produtores (Espírito Santo, São Paulo, Rio Grande do Norte e Bahia) representam juntos apenas 44% da produção fluminense.

Tabela 1: Distribuição da Produção por Estado

ESTADO	PETRÓLEO (bbl/d)	CAMPOS PRODUTORES
Rio de Janeiro	1.849.105	42
Espírito Santo	428.493	47
São Paulo	308.636	6
Rio Grande do Norte	51.276	76
Bahia	34.086	74

Fonte: ANP

Gráfico 5: Variação da produção – Principais produtores estaduais



Fonte: GOP

A bacia de Campos, localizada na costa do Rio de Janeiro e Espírito Santo, e a bacia de Santos, no Rio de Janeiro e São Paulo, representam a fonte de 93,5% da produção nacional, o que comprova uma extrema concentração da capacidade produtiva nestes três estados, com relevância para o Rio de Janeiro. Tal afirmação pode ser observada na tabela 2.

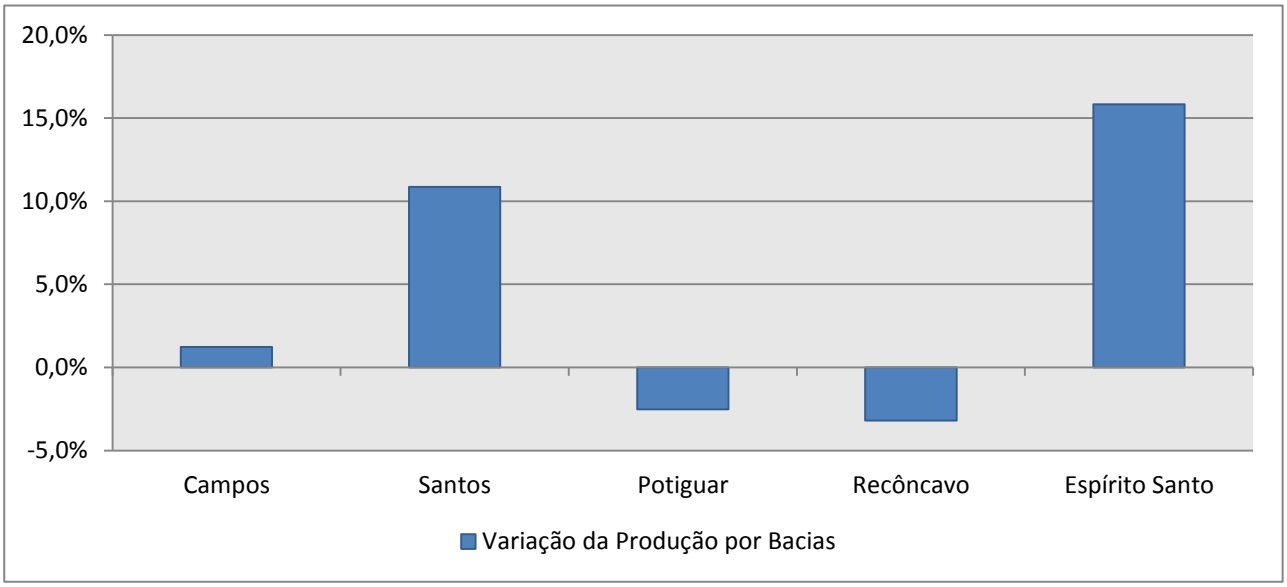
O gráfico 6 demonstra que três das cinco principais bacias alçaram ganhos no mês observado (ressaltando que no mês passado todas as bacias apontaram decréscimo de produção), com destaque para a bacia do Espirito Santo e de Santos que obtiveram avanço de 15,8% e 10,9%, respectivamente.

Tabela 2: Distribuição da Produção por Bacia

BACIA	Nº CAMPOS PRODUTORES	PRODUÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Campos	46	1.493.933	Rio de Janeiro/Espírito Santo
Santos	9	1.057.577	Rio de Janeiro/São Paulo
Potiguar	78	52.668	Rio Grande do Norte
Espírito Santo	40	34.725	Espírito Santo/Bahia
Recôncavo	71	33.772	Bahia

Fonte: GOP

Gráfico 6: Variação de produção das principais bacias



Fonte: GOP